



Prefácios a
Folhas de Erva
Walt Whitman

Tradução, introdução e notas de
Jaime Becerra da Costa

hbmus

Jaime Becerra da Costa. Doutorado em Literatura Norte-Americana pela Universidade de Salamanca. É professor na Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, onde leciona Literatura Norte-Americana e Sociedade e Cultura Anglo-Americana. No âmbito dos estudos norte-americanos tem publicado, em revistas nacionais e estrangeiras, artigos relacionados com a literatura, a história e as artes dos Estados Unidos. Dentro do seu âmbito de interesse, encontra-se a relação entre o romantismo e o pós-modernismo. É, por outra parte, investigador do Centro de Estudos Humanísticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho e membro do grupo de investigação NETcult <http://ceh.ihc.uminho.pt/netcult.php>. Editou a primeira edição em língua portuguesa de *Visões Democráticas*, de Walt Whitman. Tem editado ainda *Uma Vida sem Princípios*, de Henry David Thoreau e, recentemente, *Contra a Guerra*, de Randolph Bourne. Neste momento, está a preparar uma edição crítica que reúne ensaios literários de vários autores norte-americanos dos séculos XIX e XX.

Prefácios a *Folhas de Erva* Walt Whitman

Tradução, introdução e notas de
Jaime Becerra da Costa



Introdução aos Prefácios de Walt Whitman a *Folhas de Erva*

Não constitui segredo algum que, perante os olhos da crítica, a prosa de Walt Whitman pareceu não atingir a qualidade patenteada na sua poesia. Para além dos seus quase já olvidados trabalhos como jornalista, só são mencionados, com alguma relutância, duas obras em prosa: um ainda muito desconhecido romance, *Franklin Evans: or the Inebriate* (1842), e um ensaio de carácter político, tão politicamente incómodo como ignorado, intitulado *Visões Democráticas* (1871), aos quais se juntam também outros trabalhos em prosa, de menor extensão, publicados com as diferentes edições de *Folhas de Erva*.

Falar dos prefácios de Walt Whitman é falar de *Folhas de Erva*, fora de *Folhas de Erva*. É falar do seu criador e, em particular, da sua intenção ao escrever *Folhas de Erva*, que não é senão um longo poema multifacetado, nas suas mais variadas concretizações, centradas sobre um país em extraordinário crescimento e progressão. Um poema sobre uma epopeia moderna,

a dos Estados Unidos, que, tal como Whitman, contém multidões e contradições. Dizemos que Whitman era insólito; gostamos dele assim. Vemos um Whitman como criador de um poema e, também, como o criador da América. Não por nos oferecer visões enaltecidas, como se de meros sonhos se tratasse, mas porque Whitman crê, conscientemente, no poder performativo das suas palavras; no poder do acto criativo que não termina ao pronunciar as palavras de um poema. Difícil será, por outro lado, ler *Folhas de Erva* sem “ler” uma relação a quatro bandas, em verdade, quatro interlocutores, constituída por *Folhas de Erva*, Whitman, a América e por nós próprios, como leitores.

Os Prefácios com que Whitman brinda as edições de 1855, 1872, 1876 e de 1888 e, ainda, a carta a Emerson que Whitman incluiu na edição de 1856,¹ são dignos de toda a atenção, por revelarem a posição de Whitman, perante o desconforto ou, ainda mais do que isso, a autêntica convulsão que o seu livro foi suscitando no meio cultural social, político e religioso dos Estados Unidos, durante as sucessivas edições, ao longo de 37 anos. Com o *establishment* e a crítica adversa, precisamente por isso, estes prefácios constituem, por si próprios, ironicamente, algumas das peças mais importantes da crítica literária norte-americana. A sua influência poderá, eventualmente, considerar-se quase tão importante como a da própria obra poética *Folhas de Erva* a qual se propõem dar cobertura, explanação e justificação.

(1) Esta carta é uma resposta à conhecidíssima carta de Emerson em que este saudara Whitman no “começo duma grandiosa carreira”, após ter lido a primeira edição de *Folhas de Erva*. Ambas as cartas são incluídas como apêndices, na edição de 1856. Whitman nunca chegou a preocupar-se minimamente com a autorização de publicação do declarador da independência cultural dos EUA e fundador do *Transcendentalismo*.

É este género, o da crítica literária, algo, diríamos, naturalmente americano e que exercerá sempre uma enorme atracção sobre os seus literatos. Não nos esqueçamos aqui de que é Nathaniel Hawthorne que, também num prefácio, faz uma distinção qualitativa entre *romance* e *novel*.² Que poderemos dizer de Emerson e do seu ensaio *O Poeta* (1844), tão poderosamente influente, que levaria o próprio Whitman a assumir-se como legatário encarnado da figura de poeta nele exigida? E que nos restará dizer, então, centrando só a nossa atenção no século XIX, naquela que foi denominada a *American Renaissance*, de Edgar Allan Poe e do seu *Princípio Poético* (1850)³ ou, ainda, de Herman Melville e do seu *Hawthorne and His Mosses* (1850)? Todos estes autores promulgaram o valor da literatura na sociedade do seu tempo, como exploração e projecção dos anseios da humanidade, ao mesmo tempo que erguiam as bases para o estabelecimento dum critério qualitativo, em relação à arte que cultivavam.

Encontramo-nos, deste modo, face a face, com Whitman e a sua ideia de oferecer uma linguagem poética radicalmente⁴ nova que conseguisse comunicar efectivamente com o cidadão comum e que o educasse nos novos valores que a república americana se propu-

(2) No prefácio a *House of the Seven Gables*, de 1851.

(3) Tal como também transparece em “The Philosophy of Composition” de 1846, a preocupação primordial de Poe, em relação à poesia como, também, ao conto, é com as questões formais e estéticas. No entanto, a suas posições políticas também se evidenciam em contos, tais como “The Devil in the Belfry” ou “The Man that was Used Up,” e não deverão ser esquecidas.

(4) Esta também seria a intenção de Wordsworth, tal como é relacionada no prefácio às “Baladas Líricas” de 1800. As diferenças de dicção poética saltam à vista, nos dois casos, Whitman é muito mais vanguardista e moderno, a sua linguagem pouco dista da linguagem contemporânea.

nha testar e, eventualmente, se assim o decidisse, adotar e implementar definitivamente. É assim que emerge *Folhas de Erva*, com um propósito particularmente pedagógico: educar, mediante as artes, um povo que ainda carecia de expressões culturais próprias e, mais ainda, das que eram próprias da Era Democrática que surgira com o nascimento dos Estados Unidos. Não é sem razão que Whitman pergunta, dirigindo-se à América: “Onde se encontram os poetas, os literatos, os oradores natos que prometeste? Limitar-te-ás a seguir as outras nações?” É que Whitman considerara a influência europeia pouco menos do que nefasta e corruptora, daí que, neste contexto, esta afirmação nos prefácios se nos afigure como mais do que benevolente. A posição de Whitman é inequivocamente clara:

Comparada com o nosso génio, a genialidade de toda a literatura estrangeira encontra-se amputada e debilitada, é essencialmente insultuosa para os nossos hábitos e para as constituições orgânicas destes Estados Unidos. As velhas formas, os velhos poemas, majestosos e adequados às suas próprias terras aqui, nesta, são exilados; o ar aqui é muito puro.

Trata-se, portanto, dum autêntico plano de acção, de natureza experimental,⁵ tal como é assumida a essência da própria democracia na América e, por isso, algo que poderá ser submetido a adaptação e revisão. (“Dentre tudo aquilo que se pode dizer, considero *Folhas de Erva* e a sua teoria como experimental, tal como assim considero, no seu sentido mais profundo, a nossa república americana, com a sua teoria”). É com *Folhas de Erva* que Whitman se propõe galvanizar a sociedade para a

(5) É deste modo que também o próprio Whitman se referira, em *American Primer* 4, a *Folhas de Erva*, como “tão-só uma experiência linguística.”

necessidade de acolher e dar nascimento a uma cultura autenticamente nativa que implemente finalmente, e de modo seguro e certo, a tão aguardada e, ainda mais vezes, protelada, democracia. Efectivamente, contemplamos aqui um processo criativo tripartido em curso: por parte de Whitman, por parte de *Folhas de Erva* e, por último, por parte da própria América. Sim, não nos esqueçamos, também, de um quarto elemento, isto é, do leitor que Whitman não descarta: “A atitude dos grandes poetas é a de encorajar os escravos e infundir horror nos déspotas. O virar dos seus pescoços, o bater dos seus pés, o movimento dos seus pulsos, está cheio de perigos, para uns, e de esperança, para outros. Aproxima-te deles, por algum tempo, e, embora eles nunca te falem ou te aconselhem, aprenderás a esperanças lição americana.”

Certamente, é este um plano de aparência ainda mais mirabolante então do que agora. Considerava, entre outras muitas propostas, que todo o cidadão, que se quisesse competente, deveria ser atlético para poder, com a sua participação e contributo, chegar eventualmente a concretizar os desígnios apontados para qualquer democracia autêntica que, surpreendente e escandalosamente, para muitos dos seus compatriotas coetâneos, Whitman ainda não consegue ver. Não deixa de ser esta uma transposição, para a vida política, daquilo que Whitman expunha como igualmente necessário para a república das letras e que considerava que todo o leitor desejável (por competente), devia ser um atleta, ágil e robusto, tanto mental como fisicamente, para que nele, por fim, se pudesse originar toda a obra literária. Falamos aqui dum ideia exposta por Whitman, já em 1871, em *Visões Democráticas*.⁶

(6) Walt Whitman, *Visões Democráticas*, Opera Omnia, Guimarães, 2012.

Whitman selecciona, seguindo critérios kantianos, três esferas privilegiadas de ação: a estética, a política e a epistemológica. Esta última, que considera como a ação final e mais elevada de todo o ser humano, acaba por estar, também, centrada sobre o labor de todo o poeta: decifrar as mensagens da Natureza existentes na realidade física. O mundo moderno, que se desvenda com a metodologia científica, é conjugado, deste modo, com um ímpeto religioso, também ele moderno e afastado de qualquer resquício de superstição, e que ilumina toda a obra de Whitman. (“Tão-só ao acceitar [...], com alegria, a ciência moderna, e seguindo-a lealmente, sem a menor hesitação, permanecerá sempre reconhecido um voo ainda mais elevado, um facto mais importante, a alma eterna do homem (de tudo também), o facto espiritual, religioso, – que será, na minha opinião, a maior tarefa da ciência e, igualmente, da poesia do futuro, para proceder à libertação das fábulas, das atrocidades e das superstições, e iniciar uma renovada fé e âmbito de ação, multiplicados por cem.”). A religião e a poesia, como expressões igualmente elevadas do espírito humano, só têm a beneficiar desta conjugação que as afastará do passado, das grilhetas da tradição. Para Whitman, os seus tempos revelam uma crise profunda: a política é um poço de corrupção, a linguagem poética carece de qualidade e constitui um grande vazio em relação àquilo que deixa por transmitir. Por fim, em relação à religião, seja qual for a Igreja, já não cumpre com objectivo algum.

Deveremos abordar Whitman, partindo desde o reconhecimento da sua complexidade e, também, da dificuldade da sua obra e propósito. Sem dúvida, temos de assumir o que ele assumiu e, junto a ele, olhar para o seu mesmo e singular espelho, como para um conjunto de reflexões, de pensamentos, de previsões e, finalmente, de visões iluminadas sobre a democracia e o seu país. Não foi ingenuamente que Whitman se

questionava se, por acaso, se contradizia. (“As já publicadas *Folhas de Erva*, são, nas suas intenções, a canção dum indivíduo democrático, composto homem ou mulher. [...]o meu propósito, aqui abraçado, consistirá em expressar, para além de todo artifício regulatório e generosidade, o eterno composto corpóreo, cumulativo, natural do carácter do próprio sujeito”).

Sem dúvida! Sabia que continha multidões e que a vida, tal como todos os empreendimentos humanos, supõe alterações e adaptações, gerando o inevitável desassossego inerente a um trabalho em curso sobre o desconhecido, mas que, no entanto, não deixa de constituir a prova de vida mais clara que se possa desejar. Desconcertante! Muito mais ainda, se pensarmos nas nebulosas origens de Whitman, na sua fase inicial, posteriormente submetida às mais variadas interpretações que a transformam quase numa génese de qualidade, dir-se-ia, mítica e insondável, um mistério como aqueles de cariz teológico. Seja como for, assumamos, como necessário, tomar Whitman pela mão, ou melhor, que seja ele que nos dê a mão, e assumamos o que ele nos diz em jeito de suspensão da descrença. Whitman, criador dum América ainda em estado nebuloso?

Com efeito, conhecemos pouco, mesmo muito pouco sobre alguns, talvez os mais reveladores, dados biográficos que poderiam ajudar-nos numa eventual interpretação mais ampla da sua obra. Com Whitman, confrontamo-nos com uma autêntica construção dum *persona* pública que possui a sua boa dose, não só, do mencionado mistério mas, até mesmo, de propósito ocultação. Confrontamo-nos com luzes e sombras que o próprio Whitman concebeu, durante o longo percurso da sua carreira literária, da escrita de *Folhas de Erva*, nada menos que, entre 1855 e 1892. Será que poderíamos negar a Whitman tal licença (poética) da cultura / cultoivo / construção de alguém sobre si próprio? Assim, sabemos muito pouco do processo de

como um modesto jornalista que, embora já incómodo a muitos, se transformara no maior poeta americano de todos os tempos. Sabemos, ainda, muito menos das razões pelas quais abandonara, repentina e inesperadamente, o seu trabalho como professor primário ou, mesmo, sobre a sua orientação sexual.

Em relação a Whitman, poderemos acreditar no mistério, na arrogância, num desígnio profético. Crer no mistério da metamorfose dum jornalista em bardo com uma concepção radicalmente diferente do Mundo, ou na arrogância de alguém que se vê, descaradamente para muitos, como profeta. Profeta, também, dum novo mundo que anuncia e declara, convicto de o estar a criar nesse mesmo momento, quando, quase simultaneamente, se cria a si próprio como novo receptor ou transmissor da Revelação acabando por ser um Jesus, também ele carpinteiro e amaldiçoado. Imprudente, não? Sim, uma *persona non grata*, por todas estas ausências e, para outros, não tanto assim.

É o carácter mítico, criado por Whitman, para si e para o mundo a que se propõe dar forma, que necessariamente deveremos apreender, com todas as suas possibilidades lógicas devidamente consideradas. Nomeadamente, que a Democracia tem o seu sinónimo na América, que o muito aguardado bardo, anunciado por Emerson,⁷ resulta ser não outro mas o próprio Whitman e que este, como *poietés* fabuloso, é criador de um poema: Os Estados Unidos ("Dentre todas as nações e épocas da Terra são os Americanos aqueles que provavelmente possuem a natureza poética mais completa. Os Estados Unidos, eles próprios, são, essencialmente, o maior poema."), uma América grandiosa e desejada, que se cumprirá, tão rapidamente quanto

(7) A necessidade dum poeta, dum "poeta forte," se nos for permitido usar a terminologia de Richard Rorty, será exprimida no ensaio de Emerson, *O poeta* (1844).

as condições forem as ideais, num momento futuro. ("A América ainda não está finalizada, talvez nunca o venha a ser; actualmente, a América é um verdadeiro esboço divino.")

Assumamos o que, por fim, resta aceitar com Whitman: que a Democracia, como salvaguarda fundamental dos valores (humanos) proclamados pela revolução fundacional dos Estados Unidos, possui um carácter espiritual que satisfará uma necessidade moral e religiosa superior, condição *sine qua non* para a verdadeira realização da América. Esta a todos agregará na consecução do bem mais superior imaginável, absoluto e eterno, algo que o posicionará, como acabámos de sugerir, como um profeta, um anunciador da boa-nova, mas, também, como mártir da incompreensão⁸ e, como tal, como uma nova figura messiânica sacrificada em prol dum autêntica nova espiritualidade, ainda insul-tuosamente no seu tempo inexistente tal como a tão propalada democracia. - "Para a América e para os dias de hoje, tal como para qualquer outra época, a ciência suprema e final é a ciência de Deus - sendo aquilo que nós chamamos ciência tão-só o seu sacerdote, tal como a democracia também o é ou será. E um poeta da América (diria eu) deve saciar-se de tais pensamentos e, deles, cantar o melhor que lhe seja possível".

Fiquemos por aqui, por um enérgico e arrogante declarador do futuro, dum nova era, a democrática, encetada desde a América. Uma era que findará, nada mais, e de acordo com Whitman, com o dealbar da Era do Espírito que fará das religiões tradicionais algo completamente desnecessário. Também será o fim da

(8) Vejamos: o próprio Emerson não incluiu Whitman na sua antologia de poesia *Parnassus*, em 1880. Até o iconoclasta Mark Twain, perante uma comissão do Congresso, em 1906, cuja legislação propunha limitar os direitos de autor a só quarenta anos, se esqueceria de mencionar um autor que acabaria por vender mais de 15 milhões de exemplares de *Folhas de Erva*.

percepção da configuração da sociedade e do Estado tradicionais que passarão a ser parte de um passado irrecuperável. Descabido? Não. Absolutamente não, se pensarmos que Whitman em *Folhas de Erva* está a conceber/criar/cultivar as gentes e a América dos seus sonhos, a América que será materializada por uma cidadania mais aprimorada, tanto física como espiritualmente e à qual a democracia fará nascer.

É assim que Whitman assume a sua própria missão manifesta.⁹ Teremos de lhe dar a mão, manter o seu passo, conscientes de que esta suspensão da descrença não nos deve tornar alheados do poeta, da sua circunstância e daquilo que era o seu propósito. Também não deveremos esquecer que se trata dum poema em que Walt Whitman se revê como criador e como personagem que aporta a visão, o ponto de vista e a intenção motivada por um fim concreto e preciso. Neste sentido, Whitman, a América e *Folhas de Erva* passam a ser uma única realidade. Whitman é o criador de *Folhas de Erva*; *Folhas de Erva* são a América e Walt não é outra coisa, a não ser a materialização (encarnação) do espírito da América. Consequentemente, Whitman esclarecerá a natureza da obra do autêntico poeta: “O seu espírito replica o espírito do seu país... encarna a sua geografia, a vida natural e os rios e lagos [...]. A confirmação dum poeta é que o seu país o assimila a ele, tanto como ele assimilou o seu país.”

Por outro lado, e de uma maneira visível, Whitman surge como o herói, como o protagonista, o lutador mais destacado, da epopeia americana que ele próprio cria. Em boa verdade, Whitman será, assim, alguém

(9) A formulação moderna do conceito “Destino Manifesto” é devida ao jornalista John O’Sullivan que, na década de 1840, o populariza no seu jornal *United States Magazine and Democratic Review* e que será utilizado para justificar o expansionismo económico, político e territorial.

que se assume como um Virgílio ou, melhor ainda, como um Dante da Era Democrática, ao descrever, no seu poema épico, as aspirações de grandeza da nação.

Vi, logo desde aqueles momentos em que o meu objectivo e incertezas se começavam a formular [...] que o tronco e centro desde o qual se irradiaria uma resposta e para o qual tudo deveria retornar desde a desorientação, mesmo desde uma distância imensa, deveria ser um corpo e uma alma identificada, uma personalidade – personalidade, que, após muitas considerações e ponderações, decidi deliberadamente que deveria ser eu próprio; – em verdade, não poderia ser qualquer outro.

Mesmo aceitando como válida a indicação expressa de Whitman sobre *Folhas de Erva* – “*Camarada* este não é um livro, quem nele toca, toca num homem” – a afirmação de que Walt Whitman é, no fim de contas, *Folhas de Erva* e, finalmente, que *Folhas de Erva* não são senão a América, poderá constituir, no mínimo, uma afirmação arrojada, descabida e, diríamos, tresloucada. Contudo, sem dúvida alguma, a vida de Whitman corresponde à etapa mais decisiva da vida da América: a da procura de uma identidade própria (duma linguagem), a de encontrar, entre todas as contradições, uma âncora que torne possível lidar com a realidade multifacetada e cambiante das circunstâncias (espírito das gentes, fronteiras geográficas, desenvolvimentos políticos e científicos, etc.). Tudo no contexto da necessidade de afirmação, de revelar necessariamente uma verticalidade perante um projecto mutável e adaptável consequente com natureza da própria democracia que vai surgindo da experiência vital (desde o passado mais remoto da humanidade até ao presente) e que deverá inevitavelmente estar sempre aberta ao futuro. Isto levará a que Whitman se questione: “Mas o que é a vida,

a não ser uma experiência? E o que é a mortalidade, a não ser um exercício em relação a resultados posteriores? Assim, portanto, serão os meus poemas.” É uma abertura a um novo mundo que explore e aprofunde os novos valores que a América pressupõe e deverá salvaguardar num processo histórico (uma vida) que não se extingue em qualquer contingência do presente, embora originada num passado longínquo, latente, real, vivo e influente. Esta “vida” encaminha-se, por último, para um futuro transcendente e místico, como único devir para além da mera existência material. A democracia, uma vez desfraldada em toda a sua amplitude, tornar-se-á numa nova vivência espiritual que denotará a vitória do espírito no mundo da experiência humana. Deste modo, Whitman oferece-nos uma teogonia e uma nova teologia à disposição do, também aguardado, Homem novo a que a América deveria dar nascimento. Com Whitman, a encarnação (pelo menos poética) do ser humano pressupõe que a América, para além de ter de desempenhar um papel político perante a humanidade, não deverá permanecer alheada de uma missão ética e, finalmente, religiosa. Para Whitman, e de modo expreso, o problema da América do seu tempo é, fundamentalmente, um problema de carácter religioso e moral que ele mais claramente nos dá a conhecer nas suas *Visões Democráticas*:

[...] na minha opinião, não deve haver uma personalidade sã e completa, nem uma nacionalidade grandiosa e eléctrica, sem o elemento vertebral da religião a impregnar todos os outros elementos, [...] assim não poderá haver poesia digna de tal nome, sem que aquele elemento esteja por detrás de tudo. Nos Estados Unidos, os tempos têm começado a libertar a ideia da religião, do mero eclesiasticismo, dos domingos, das igrejas e das idas à igreja, e atribuir-lhe aquela posição geral, a mais importante, a mais indispensável, a mais entusiasmante,

à qual as outras se devem ajustar, no interior de todo o carácter humano, educação e actividades[...] deverá, doravante, ser adjudicada à democracia – *en masse* – e à literatura. Deve impregnar os poemas da Nação. Tem de realizar a Nação.

Tal como a democracia, Whitman tem as suas condições e a sua multiplicidade. Nem tudo é o que parece. Tudo é mais complexo, mais dependente do ser humano, do cidadão comum, isto é, do indivíduo, que foi a base sobre a qual assentou a revolução democrática americana. Sendo Whitman, nada mais do que um indivíduo comum que representa a capacidade de superação de *um*, entre a multidão.

Reconhecemos, com Whitman, que deveremos ser leitores tão atléticos como os democratas no seu zelo político de índole religiosa. Morte do autor? Sim, seremos livres de interpretar tudo à nossa vontade. Whitman, morto? Sim, mas tão-só na dimensão à qual ele considerara como a menor parte da existência. A imagem tutelar de Whitman está sempre presente, em relação à sua obra e ao propósito desta, mas também, se trata duma presença que Whitman quer rever, quase que fisicamente, em nós, como leitores. Não diremos que Whitman está sob as nossas solas. Em *Folhas de Erva*, é uma presença real. É em “Ergue-me para perto de ti”¹⁰ que a pergunta nem sequer deverá formular-se, pois não importa ser um livro ou o próprio Whitman a quem temos de erguer:

Agora, ergue-me até à tua face, até eu te sussurrar

Aquilo que tens nas mãos não é, em verdade, um livro ou [parte de um livro;

(10) Trata-se dum poema excluído, por Whitman da edição final de *Folhas de Erva. Leaves of Grass*, ed. Sculley Bradley e Harold Bloodget, WW. Norton & Co., New York e Londres, 1973.

É um homem, saudável e nobre; tens-me a mim,
Em breve, deveremos separar-nos! Aqui! toma dos meus
[lábios este beijo;

Quem quer que sejas, é especialmente para ti;
Adeus! – E espero que nos encontremos, de novo.

A sensação que, como leitores, retemos é, deveras, muito diferente de qualquer sensação que, porventura, T. S. Eliot quisesse transmitir com a sua desumanização das artes, que tantos consideram como a essência de toda a arte moderna. Aqui, sentimos o poeta irradiando vida, desde um passado que se nos afigura mais próximo daquilo que a passagem de mais de cem anos nos pudesse fazer pensar. Whitman é singularmente moderno, tanto pela sua revolução na linguagem poética como no próprio objecto poético a que dá forma. Em *Folhas de Erva* não temos uma “selecção da língua autêntica,” que Wordsworth¹¹ considerara como a mais adequada à sua revolução poética, mas a própria língua autêntica, sem qualquer selecção. Diríamos, também, que Whitman, ao mesmo tempo que dá rédea solta ao seu “desbordar de sentimentos poderosos,” também nos fará chegar a sua emoção “recolhida na tranquilidade.” Não terá muito a ver com a pura emotividade à qual fazia menção Thomas Sterns Eliot, numa visão negativa do romantismo. Consideração que, efectivamente, nos impediria de contemplar a complexidade e a amplitude da experiência humana que Whitman pretende ao declarar-se abertamente como poeta do corpo e da alma. Algo que Whitman também espelha nos Estados Unidos, ao dizer-nos: “Considero a nossa América de hoje, em muitos sentidos, como sendo, sem dúvida alguma, um aglomerado férvilhante de materiais, vastos, melhores, (piores, também) do que aqueles que já conhecemos [...] para construir um defé-

(11) Do prefácio a *Lyrical Ballads*.

nitivamente a grandiosa nacionalidade ideal do futuro, a nação do corpo e da alma [...].”

Diferente atitude à de Eliot (algo mais prática) mostrou outro modernista, Ezra Pound ao desejar estabelecer um pacto com o mestre Whitman, por encontrar na sua relação filial de negação algo escassamente produtivo: “Foste tu quem talhou a madeira nova, Agora vem o momento de a esculpir.”¹² Deste modo, reconhece, implicitamente, uma verdadeira ansiedade sobre a influência que o romantismo lhe causava e o levava a um autêntico beco sem saída. Pound decide sobre pô-lo airosamente. E nesta fronteira porosa com o modernismo deparamo-nos com Fernando Pessoa que constatará a modernidade de Whitman e caminhará mais longe com o seu “irmão em universo,” dizendo: “Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!”

Em nada nos surpreende o carácter assumidamente profético de Whitman e de *Folhas de Erva* que situam a própria América como uma profecia resultante da evolução da civilização humana, dum síntese de acontecimentos do passado dirigidos a um fim. Assim, Whitman apresenta-se como um profeta da democracia e, no limite, como portador da boa-nova condizente com a natureza dos novos tempos. Whitman comunga da América e a América comunga dele. Para que não restem dúvidas sobre o seu carácter profético-criador, o poeta mais aguardado pronuncia um mandamento democrático. A saber:

É isto o que farás: Ama a Terra e o Sol e os animais; despreza a riqueza, dá esmolas a todos os que tas pedirem,

(12) Ezra Pound, “A Pact” (1926). Seria de salientar o fascínio por Whitman, em termos de reconhecida aprendizagem, por parte de alguns dos grandes vultos da literatura modernista mundial. Pensamos em D. H. Lawrence, E. M. Forster, Federico Garcia Lorca, em Jorge Luis Borges, em Pablo Neruda, em Octavio Paz.

defende os inconscientes e os loucos; dedica o teu salário e o teu trabalho aos outros; odeia os tiranos, não discutas sobre Deus; mostra tolerância e benevolência para com as gentes, não tires o teu chapéu perante nada conhecido ou desconhecido ou perante nenhum homem ou grupo de homens; caminha com naturalidade entre gentes activas sem instrução e com os jovens e as mães de família; lê estas folhas ao ar livre, em todas as estações de todos os anos da tua vida; volta a considerar tudo aquilo que te disseram na escola ou na igreja ou em qualquer livro; não prestes atenção a tudo o que ofenda a tua própria alma e, então, a tua própria carne tornar-se-á num grande poema e terá a fluidez mais admirável não só nas suas palavras, mas também nas silenciosas linhas dos seus lábios e face e entre as pestanas dos teus olhos e em cada movimento e articulação do teu corpo...

Jaime Becerra Costa
Universidade do Minho
Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos

Prefácios de Walt Whitman a “*Folhas de Erva*”¹

- I Prefácio de 1855
- II Prefácio de 1856
Carta aberta a Ralph Waldo Emerson
- III Prefácio de 1872
Como uma ave possante de asas livre.
Tu, mãe, com os Teus Filhos Iguais
- IV Prefácio de 1876
Edição do Centenário
Edição em dois Volumes *Folhas de Erva e Duas Ribeiras*
- V Prefácio de 1888
Um Olhar Retrospectivo sobre os Caminhos Percorridos
Prefácio a Ramos de Novembro

(1) N.b. As notas de Walt Whitman sobre os prefácios são assinaladas com *